“Democracia Clerical”

A única leve censura que se poderia fazer ao livro recentemente editado pelas *Éditions Sainte Jeanne d’Arc* é sem dúvida a ambiguidade de seu título, que só se torna evidente após a leitura.

Essa fórmula não designa, como se poderia crer, uma preocupação excessiva dos clérigos em escutar a voz dos leigos, mas simplesmente o fato de que os clérigos se puseram ao serviço da Revolução toda vez que ela esteve em perigo.

Toda vez que o povo francês esteve prestes a livrar-se da ditadura revolucionária, ou a caminho de fazê-lo, os chefes da Igreja Católica — e por essa fórmula é preciso designar a hierarquia, os sacerdotes e os intelectuais, tanto leigos quanto clérigos — correram em socorro de seus inimigos naturais.

Esse acomodamento progressivo ao longo de todo o século XIX, acomodamento político, quis-se crer, conduziu logicamente ao acomodamento religioso do Vaticano II, pois a Revolução é UMA. Essa vasta traição, denunciada por numerosos papas e realizada por outros, permanece um mistério insondável em termos humanos, mistério quanto à economia da salvação, mas era necessário estabelecê-la bem em seu desenrolar.

Este pequeno livro o faz de maneira magistral e rápida, que o põe ao alcance de todos os leitores; para convencê-los, reproduzimos abaixo o primeiro capítulo, consagrado à Concordata de Bonaparte.

“O que acabo de fazer em favor da religião era absolutamente necessário. É o fundamento da república. Sem isso, nosso governo não teria durado três anos.”

Tais são as palavras que Bonaparte, primeiro cônsul, dirigia a seu irmão algumas horas após a assinatura da concordata de 1801.

O cardeal Consalvi acabava de apor nela o selo do Papa Pio VII. A tinta ainda não havia secado! Sem essa concordata, “nosso governo não teria durado três anos”! É assim que se exprime o ditador, novo senhor provisório da revolução em marcha, que ele próprio denomina a “república”. Pio VII e seus cardeais acabavam de salvar a revolução cambaleante?

Três anos mais tarde, a ambição do novo “senhor” já não conhece limites. Quer tornar-se imperador e reinar sobre a Europa. É em Notre-Dame de Paris, em 2 de dezembro de 1804, que um Papa semiprisioneiro, semiconsentido, vem prestar-se a uma verdadeira paródia do sacre de nossos reis. Bonaparte, no entanto, arrebatado por seu orgulho e sua ambição, toma a coroa das mãos de Pio VII e a coloca ele mesmo sobre a cabeça. Esse “imperador” não devia durar mais de 10 anos. Mas o Papa, os cardeais, os homens de Igreja estavam lá, caucionando e abençoando esse simulacro e o que se seguiu. Pois mal o pontífice havia voltado à sacristia, o novo “imperador” estendia a mão sobre o evangelho para prestar juramento de permanecer fiel aos princípios da

Revolução e de consagrar a vida a mantê-los e difundi-los. Pio VII e seus cardeais acabavam de abençoar e “legitimar” a Revolução triunfante?

Encontraram-se, na época, eclesiásticos de alto coturno que foram tolos o bastante, ou pervertidos o bastante, para adular Bonaparte comparando-o a Constantino. Ignoravam o sórdido cálculo político a que se entregara o primeiro Cônsul para assentar sua ambição e reforçar a Revolução que servia?

Depois do desencadeamento das fúrias e da tormenta revolucionária, depois da fase violenta de abalo e destruição do trono e da ordem católica; depois dos banhos de sangue e da eliminação física das elites; depois das violências da perseguição e da tomada do poder; depois do reino de “Gog”, isto é, dos demônios homicidas, devia vir a fase de organização da nova ordem das coisas, portanto uma paz aparente protegida por um poder forte e vitorioso, concretizando o reino de “Magog”, isto é, dos demônios mentirosos.

Para isso, o chefe que a Revolução escolhera devia absolutamente restabelecer a ordem no país, em insurreição permanente havia quase dez anos, por fidelidade a seu Rei, à sua Fé e à Igreja.

É que a França ainda era um país católico, profundamente arraigado em sua fidelidade. Nenhuma de suas províncias, nem mesmo as ruas de sua velha Paris, havia se reconhecido nessa revolução conduzida pelas seitas; financiada por ínfima minoria de burgueses, de clérigos desviados e de senhores da alta nobreza; realizada pela ralé e pela escória de uma população cuja esmagadora maioria permanecia católica e monarquista.

Mas a democracia revolucionária acabava de instalar-se. E na democracia não são as maiorias que detêm o poder em sua realidade, mesmo quando esmagadoras, mas a canalha insolente e os manipuladores de cordões que a governam na sombra. Eis o que o povo da França havia experimentado, sem compreender de fato seu mecanismo sociológico.

Ao descobrir esse monstro que chocava em seu seio, a França, a verdadeira, revoltou-se. Em toda parte a constituição civil do clero foi rejeitada e recusada. A notícia de 21 de janeiro de 1793 foi acolhida com estupor e indignação. Não, aquele monstro não era um filho da França.

Fala-se sempre aqui da Vendeia, por causa da epopeia extraordinária de seu grande exército. Mas muito antes e muito depois dela, Jean Chouan tinha mantido o campo. Em 1794, as guarnições de Laval, do Mans e das outras grandes cidades do centro-oeste estão prisioneiras de seus quartéis, dos quais não podem mais sair sem cair em emboscada. Em outubro de 1794 ainda, perto de Laval, Perna de Prata, o mendigo manco tornado chefe de guerra, morrerá no fogo, à frente de 2.000 homens, numa batalha campal cuja vitória assegurará com sua morte. A Bretanha está em armas atrás dos Cadoudal! A Normandia atrás dos Frotté. O Berry envia tropas a Charette, toma Sancerre, deixa-se massacrar em Palluau. A Flandres e a Bélgica “chouanam”. Em Lyon, é preciso amarrar as multidões a correntes na praça Bellecour e mandar a cavalaria carregar a sabre para massacrá-las em número suficiente! Toulon só é esmagada a tiros de canhão nas ruas por um artilheiro chamado Bonaparte! O Sudeste e o Sudoeste são monarquistas e hostis à república...

Em toda parte, o povo francês esconde e protege seus padres não juramentados, muitas vezes ao preço do martírio. Quem poderia contar aqueles que pegaram em armas, que tombaram em

combate por Deus e pelo Rei, ou que morreram mártires por sua fé nos cadafalsos, nos afogamentos, nos massacres?

O sangue da França correu a jorros. Os demônios homicidas, sedentos de sacrifício humano, rejubilaram-se.

Mas aqueles mesmos que não pegaram em armas, aqueles que curvaram a nuca por fraqueza; esses mesmos não aceitaram a revolução.

Esta só repousa em alguns milhares de sectários e na força armada das tropas com que pode contar. O que muitas vezes se deve apenas à estúpida disciplina militar imitada dos prussianos, que fará servir Kléber e os Mainzeses, no uniforme branco das tropas de Luís XVI, contra os soldados de Bonchamps e de Stofflet, que lutavam pelo rei.

Tudo isso Bonaparte sabe em 1800. Ainda treme diante de Cadoudal emboscado em Paris, diante dos padres escondidos por toda parte, diante de Frotté, a quem manda assassinar! Sabe que o "terror branco" reina um pouco por toda parte; que os ignóbeis "soldados–açougueiros" das colunas infernais foram linchados pelas multidões, um a um, e pagaram seus crimes. Sabe que o próprio Diretório foi impotente para aplicar as leis antirreligiosas que tentou manter. Sabe que seu policial Fouché, apesar dos meios de que dispõe, nem sequer consegue impedir o exercício público do culto católico pelos padres proibidos, os "não juramentados"! E sabe que, por toda parte, o clero juramentado, por meio do qual a revolução tentou instaurar o cisma, por toda parte esse clero celebra em igrejas vazias, quando não foi delas expulso a pedradas ou com forcados nos rins!

Na verdade, a "república" da falsa "nação" está em perigo. Os convencionais e os Jacobinos sobreviventes são perseguidos por toda parte. Os homens no poder são liberais paralisados por seu liberalismo! A revolução só pode contar com Bonaparte e suas tropas! E ainda assim! As pretensas vitórias retumbantes sob as pirâmides saldaram-se num desastre e na fuga desesperada do "glorioso" Bonaparte, obrigado a confiar sua preciosa vida a um simples barquinho para atravessar a frota inglesa, abandonando seu corpo de exército no Egito, onde será dizimado pela peste e pelos sabres dos mamelucos.

O primeiro cônsul sabe tudo isso e o pesa em seu justo peso. O poder estabelecido, cujas rédeas tomou, é de uma terrível fragilidade, diante de uma nação traumatizada pelas violências de que mal sai, profundamente hostil a ele e que não lhe reconhece nenhuma legitimidade.

Daí o cálculo de Bonaparte, que os revolucionários farão tantas vezes com êxito, o qual consiste em enganar e seduzir os clérigos e extrair de seu hissope as aparências de uma legitimidade que não têm.

Bonaparte sabe que só a Igreja pode confeccionar-lhe uma aparência de legalidade e desarmar os católicos da França, e talvez até os dos países que vai conquistar! Para isso, precisa tratar com a Igreja e fazer-se sagrar. Ele o sabe. E consegue-o.

DEMOCRACIA CLERICAL - 1 vol. br. 224 páginas – 130 francos

ÉDITIONS SAINTE JEANNE D'ARC "Les Guillots" – Villegenon 18260 VAILLY-SUR-SAULDRE

Revision #3
Created 24 October 2026 14:34:39 by Admin
Updated 8 November 2026 19:04:02 by Admin